SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVII
MARÇO
DE 1971
N.º 311

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

A ARTE DE APRECIAR

Por JOEL RIBEIRO

Entre os escoteiros portugueses está muito arraigada uma sentença que com frequência se ouve repetir em festas, fogos do conselho e outras cerimónias: «*O escoteiro não bate palmas*».

Esta afirmação, pese à sua popularidade, não tem grande razão de ser. Não bater palmas porquê? Não é esse gesto uma autêntica manifestação de agrado, de aprovação e até de alegria, essa alegria que é tão própria do nosso movimento?

É claro que se pode objectar que os escoteiros têm peculiares meios de aplaudir, os *gritos*, as *vozes*, os *cânticos*, etc. Mas por muita curiosidade que esses meios possam ter — e têm-na, com certeza — falta-lhes, por outro lado, um certo carácter de espontaneidade, visto terem de ser dirigidos, espontaneidade, que efectivamente se reconhece no simples bater das palmas.

Dissemos que o bater das palmas é uma demonstração de apreço, de admiração por algo de que se foi espectador. Através desse meio de expressão, agradecemos não só o prazer que nos foi dado pelo que vimos ou escutámos, como também homenageamos quem, com o seu trabalho e talento, tornou possível a fruição desse prazer. Aplaudir é, afinal de contas, uma manifestação de gratidão.

Nobre actividade espiritual esta de admirar, convém ser estimulada. Importa, todavia, velar por que seja exercida dignamente, ao mesmo tempo que urge torná-la em demonstração que revele sensibilidade apurada. Alguém me dizia recentemente que hoje se está perdendo a pouco e pouco a faculdade de admirar. Se realmente se verifica este fenómeno — e vários indícios parecem querer dizer que alguns dos sentidos de que o Homem se podia ufanar se estão degradando — então não há tempo a perder. Quem assumiu os compromissos de uma missão eminentemente educativa como é a de dirigir escoteiros, não pode assistir imperturbável ao fenecer desta nobilíssima arte de admirar. Há que detectar as causas do aviltamento e aplicar a terapêutica aconselhável.

B.-P., que possuía o raro condão de educar mediante o próprio exemplo, era notável observador. Dessa capacidade de admirar dá-nos ele constantes provas nos seus livros, pois em tudo buscava motivos para reflectir, estudar e desfrutar prazer espiritual.

Cultivar o gosto de admirar, eis um bom programa de acção para o dirigente escotista, o qual demanda, contudo, apurado esforço de aperfeiçoamento pessoal. Quantos motivos de beleza são desperdiçados, isto porque o observador não está prevenido para os compreender? Que mais bela missão qual a de incutir hábitos de bom gosto, a de dar consciência para discernir entre o ouro e o plaqué?

Infelizmente, bem poucos têm cuidado a sério desta formação. No nosso movimento, a situação, neste aspecto, é assaz crítica. E como era necessária uma acção eficaz neste sentido! Poucas coisas há mais decepcionantes que a de ver, como já temos visto, escoteiros a aplaudirem manifestações de gosto duvidoso ou mesmo condenáveis, isto é, a darem palmas àquilo que

Continua na pág. 7

IMPRENSA ESCOTEIRA MUNDIAL

I Exposição Itinerante

No dia 3 do próximo mês de Abril, vai ser inaugurada no Porto esta interessante exposição da imprensa escoteira mundial, iniciativa do «Sempre Pronto» que vai certamente despertar o mais vivo interesse.

A Exposição estará patente ao público nos salões da Associação Cristã da Mocidade, na Rua José Falcão, na capital do Norte, até ao dia 8, quinta-feira, graças à gentileza da Direcção daquela prestimosa Instituição que nos cedeu as suas salas, bem como à colaboração dedicada do nosso correspondente no Porto, Sr. Horácio José da Paiva, coadjuvado pelos dirigentes e escoteiros do Grupo n.º 17 dos Escoteiros de Portugal.

O acto inaugural, que se realizará às 21,30 horas, terá a presença do Delegado dos Serviços Centrais no Porto, Sr. Comandante Coutinho Lanhoso; dos Chefes dos Núcleos do Porto e Gaia, respectivamente os Srs. Vidal Vieira dos Santos e Arnaldo Eduardo Couto, bem como dos chefes e escoteiros das unidades do Norte, tendo também sido convidados os dirigentes do Corpo Nacional de Escutas e os agrupamentos da associação irmã. O Sr. Professor António Álvaro Dória, escoteiro-chefe diplomado, fará uma conferência evocando a obra de colaboração da A. C. M. com o Escotismo.

A Exposição foi montada em Lisboa pelos Escoteiros-Chefes Armando Garcia Inácio e Rui Horácio de Macedo, estando à disposição de todos os núcleos e grupos da Associação dos Escoteiros de Portugal e do Corpo Nacional de Escutas que queiram apresentá-la nas localidades de suas sedes. No dia 23 de Abril, a Exposição será reposta em Lisboa, também nas salas da Associação Cristã da Mocidade, na Rua de S. Bento, n.º 329-2.º e Avenida Pedro Álvares Cabral n.º 23.

Serão expostos jornais e revistas escoteiras de cerca de 50 países, demonstrando o valor e expansão do movimento escoteiro no mundo.

Uma delegação do «Sempre Pronto» deslocar-se-á ao Porto para tomar parte no acto inaugural.



O escotismo português acaba de perder um dos seus mais dilectos admiradores. A morte do Professor Lima Basto deixa o nosso movimento mais pobre. Eis o ilustre homem de ciência a confraternizar com escoteiros espanhóis, que visitaram o paquete Andes *à sua passagem por Vigo, navio em que seguia a nossa delegação ao Jamboree da Maioridade, que se realizou da Inglaterra em 1929. O Professor Lima Basto é o escoteiro que se encontra de pé, quase ao centro, em cabelo, segurando na mão o chapéu.*

Na página 4, Sempre Pronto *refere-se detidamente ao falecimento deste homem que tanto honrou as fileiras do escotismo português.*

O ESCOTISMO EM ANGOLA

O Grupo N.º 36 de Luanda consolida-se

Esta antiga unidade dos Escoteiros de Portugal, que tem a sua sede em Luanda, procura consolidar a sua posição através de um trabalho de formação e treino de guias de patrulha. A primeira fase deste trabalho está em pleno desenvolvimento, tendo sido dado especial relevo ao sistema de patrulhas e aos ensinamentos das técnicas e provas de segunda classe.

A iniciativa despertou vivo interesse entre os guias e espera-se que este treino tenha grande influência na vida do Grupo. Os dirigentes da unidade, para bem orientar esta actividade, agruparam-se também numa Patrulha, que recebeu o nome de «Bitacaia». Bitacaia é uma pulga que vive na areia ou na terra solta e que, quando se aproxima a época da desova, procura o interior do corpo de um animal. Se esse animal for o homem, a tendência é para se alojar nos pés, onde desova e se irão desenvolver as novas bitacaias, nunca abandonando o hospedeiro, na medida em que têm bastante alimento. Como isto causa muitas dores, a patrulha adoptou o grito «*Ai! ai! ai! ai!*».

Acampamento do Natal

De 18 a 22 de Dezembro passado, o Grupo 36 acampou com a presença de 30 rapazes, tendo prestado compromisso de honra quatro novos escoteiros.

Projecta-se realizar um novo acampamento na fortaleza de Massangano, a 200 km. de Luanda, com o objectivo de uma confraternização entre os Escoteiros e seus Pais, promovendo ao mesmo tempo visitas de estudo.

Chefe ajudante da Alcateia

Foi nomeada para exercer interinamente o cargo de chefe ajudante da alcateia a aspirante sr.ª D. Maria Alice da Silva Gomes Camacho Baião.

Estão concluídas as obras de construção da sede do Grupo N.º 39 de Benguela

Estão concluídas as obras da sede desta unidade dos Escoteiros de Portugal, que fica a dispor das mais completas instalações do género em Portugal. O trabalho deve-se à dedicação e trabalho do Escoteiro-Chefe Manuel Nunes Pereira, secundado entusiàsticamente por muitos elementos do Grupo, que perseverante e esforçadamente realizaram toda a obra.

O Grupo fica a dispor do edifício principal, a antiga estação de caminho de ferro que lhe foi cedida e estava destinada a demolição, mas que hoje está proposta para monumento nacional, já que foi através dela que desembarcaram todas as riquezas que outrora chegavam ao porto de Benguela.

Um anfiteatro em betão, com capacidade para 300 pessoas, tendo num dos lados uma rampa arrelvada para uso dos escoteiros. Será aqui que se passarão a realizar as cerimónias escoteiras.

Sete campos de patrulha, por estas construídos, tendo aplicado aqui os seus conhecimentos de pioneirismo. A patrulha Elefante tem no seu campo uma árvore muito característica em Angola, o imbondeiro, no cimo da qual fez uma cabana. O solo está muito bem ajardinado.

A patrulha Búfalo tem no seu campo uma torre com cerca de dez metros de altura. Mas todos os campos ostentam os seus trabalhos próprios de acampamento e parcelas bem ajardinadas.

Existe ainda um local comum a todo o Grupo, tendo no centro o mastro para as bandeiras e a base arrelvada, tendo em volta jardins, um destes com o aspecto de jardim público, com bancos tipo escoteiro e um lago, tudo muito bem e tìpicamente iluminado.

Há ainda uma construção com sala de jogos de 7,5 × 5,10 m., duas salas para a Alcateia, sala de reuniões de chefes e conselho de guias, duas casas de banho, cozinha, arrecadação.

Foi este trabalho admirável que os bravos rapazes do Grupo 39 realizaram com o maior esforço, tendo-se privado de vir ao acampamento nacional no Continente para poupar fundos para a construção.

Em ordem de serviço, o Chefe do Grupo expressou a sua gratidão a empresas de Angola que ofereceram materiais para a obra, tendo louvado todos os escoteiros e, particularmente, o Guia da Patrulha Elefante Sérgio Luís Branco Roque, o Guia da Patrulha Falcão Germano José da Palma Gomes, os Subguias da «Falcão», da «Jaguar», da «Elefante» e da «Búfalo», respectivamente Armando Machado Viegas, Manuel Aníbal Cruzeiro Costa, Rogério Manuel Lopes Abreu. E ainda os Guias da «Búfalo» e da «Jaguar», José Pedro da Costa Jr. e Rui Hernâni Lages Leite, respectivamente.

As instalações serão inauguradas em breve, esperando-se a presença de escoteiros do Grupo 36 de Luanda, escutas de Benguela e de Nova Lisboa.

Uma boa acção

O «Diário da Manhã» de Luanda lançou um apelo a favor de duas crianças do Lobito, filhas de um homem que vive com grandes dificuldades, cuja vida correria perigo se não lhes fosse dispensada assistência completa e eficaz. O Grupo assumiu a protecção dos dois garotos, tendo-se deslocado ao Lobito o médico do grupo, sr. Dr. José Jonas Sá Viegas, que prontamente acarinhou a iniciativa dos escoteiros e inspeccionou os doentes, cujo estado de saúde é precário, sofrendo de enfermidades graves.

*

O Grupo 36 tem agora um efectivo de cerca de 100 membros e está desenvolvendo grande actividade, a que esperamos poder fazer mais larga referência no próximo número.

CURSOS DE FORMAÇÃO E TREINO

A Federação dos Escoteiros e das Guias da Bélgica organiza este ano diversos cursos de treino. Assim de 3 a 7 de Abril realiza-se o Campo T, para treino de técnicas de ar livre, para maiores de 16 anos.

Formação de Chefes Escoteiros e Chefes Guias. Primeiro Estágio — Para maiores de 17 anos.

De 3 a 9 de Abril — Lobitos, Escoteiros e Guias.

De 1 a 9 de Julho — Lobitos, Escoteiros e Guias.

O preço da inscrição é de 100 francos belgas por dia. As inscrições podem ser feitas através dos Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Se o forte auxiliar o fraco...

O acto de saudação do escoteiro — os três dedos centrais da mão direita estendidos, enquanto a falangeta do polegar se sobrepõe à falangeta do dedo mínimo — é bem conhecido e frequentemente repetido, por graça, quando um não escoteiro cumprimenta um seu amigo escoteiro. O que na generalidade se ignora é o profundo significado desse gesto, que lembra um dos princípios mais belos do Escotismo.

Os três dedos estendidos simbolizam os três artigos do Compromisso de Honra, e o polegar — o mais forte dedo da mão, sobretudo o mais ágil, aquele que tem a facilidade, não concedida a mais nenhum, de se deslocar frente a todos os outros — esse dedo privilegiado, abraçando o mínimo, o mais débil dedo da mão, sugere ao escoteiro o dever do forte proteger o fraco. A figura poderá parecer infantil, mas é mesmo necessário que assim seja, porque a crianças se destina e pretende-se inspirá-las usando imagens acessíveis.

. . . . . .

Se o forte proteger o fraco, uma nova sociedade nascerá baseada no espírito de cooperação mútua e de boa vontade. E, se é difícil conseguir que todos os homens abracem este princípio, é, porém, possível, e devemos esforçar-nos nesse sentido, que o número daqueles que o perfilham aumente constantemente, modificando o aspecto do mundo e facilitando a vida e o progresso dos povos.

Pelas fileiras do Escotismo passaram, nestes quarenta anos de existência do Movimento *(em 1951)*, muitos milhares, milhões mesmo, de rapazes que hoje são homens e estão colocados nos mais diferentes sectores da actividade. São milhões de indivíduos que estenderam os seus dedos e colocaram o polegar sobre o dedo mínimo, afirmando o seu voto de auxiliar o mais fraco. Se na sua esfera de acção, no governo das nações, nas universidades, nas escolas, na direcção das grandes empresas, na fábrica, na oficina, no escritório, nos serviços públicos onde exercem actividade, tiveram sempre presente que «o forte protege o fraco», o mundo terá dado um grande passo para o bem-estar da humanidade.

E. R.

Um curso de esperanto

no Grupo de Escoteiros N.º 19, da Pontinha, em Lisboa

Sob a orientação do esperantista sr. José Antunes, vai funcionar no Grupo n.º 19, na Pontinha, um curso de esperanto. Em homenagem ao nosso saudoso colaborador Luís Simões Aurélio, que se dedicou ao esperanto durante longos anos e chegou a leccionar aquela língua auxiliar, aquele Curso designar-se-á pelo seu nome.



por MENDES MARQUES

Salão Nacional de Filatelia

Foi realizado no Palácio Foz, por iniciativa da direcção da Federação Portuguesa de Filatelia, com o patrocínio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e dos Correios e Telecomunicações de Portugal, o Salão Nacional de Filatelia, em que estiveram patentes colecções premiadas na Exposição Filatélica «Luanda 70», entre as quais se destaca a do nosso estimado colaborador sr. José Manuel Mendes Marques.

Quer no dia da inauguração, quer no do enceramento, isto é, respectivamente 25 e 31 de Janeiro p. p., foram apostos carimbos comemorativos. Aos visitantes mais jovens, foram distribuídos brindes filatélicos.

A exposição foi seguida com muito interesse, tanto pelos filatelistas, como por escoteiros e antigos escoteiros e público em geral.

O Clube Filatélico de Portugal organizou uma Jornada Temática dedicada ao Escotismo

No dia 27 de Fevereiro p. p., esteve patente na sede do Clube Filatélico de Portugal, em Lisboa, uma exposição de selos escotistas, pertencentes ao nosso prezado colaborador sr. Mendes Marques, exposição integrada nas «Jornadas Temáticas» que aquela agremiação está a promover, desta vez dedicada ao Agrupamento Temático Nacional de Escotismo.

A exposição foi seguida com muito interesse, dado o valor das peças que a compõe e o critério que presidiu à organização da colecção.

O nosso colaborador dirigiu animados debates sobre o tema, fazendo um esboço da história do escotismo e da biografia do seu fundador, tendo respondido, com a sua reconhecida autoridade, às numerosas perguntas e objecções que lhe foram apresentadas por vários filatelistas presentes.

Foi uma boa jornada de propaganda filatélica e do nosso movimento.

Boletim do Agrupamento Temático Nacional do Escotismo

Foi publicado mais um número deste Boletim, que contém preciosos ensinamentos e sugestões, utilíssimos para os coleccionadores do tema «Escotismo» ou para quem deseje iniciar-se neste interessantíssimo tema.

O Agrupamento Temático Nacional de Escotismo (ATNE) destina-se a reunir os coleccionadores do tema «Escotismo», e é publicado sob os auspícios da Federação Portuguesa de Filatelia.

XXXII POEMETO FILATÉLICO

Diante dos selos que recordam os moinhos de Portugal

Moinhos da minha terra
Lá no alto dos outeiros!
Recebem, vindos da serra,
«Ventos feitos» e «ponteiros».

Dos muitos que havia de antes
Restam centos, que reagem
Alegrando os viandantes,
Dando mais vida à paisagem.

Distantes das matas densas
Movem o grão louro e branco,
No fragor das velas tensas
Dando à vista porto franco.

Ao vê-los mover-se, eu cismo
(Poucos os vemos? Embora!)
Nesse factor de turismo
E no «pão alvo» de outrora.

Sem procurar qualquer rima
Um tipo exacto eu acho
No labor da mó de cima...
No penar da mó de baixo!

Eduardo Moreira

Hello! Salam! Goddag!

Quando o Escotismo foi restabelecido na Etiópia, após a 2.ª Guerra Mundial, vários países se apressaram a mandar para ali equipamento e literatura escotista.

As complicações surgiram quando um escoteiro etíope estava usando um manual em inglês, o seu guia de patrulha um em árabe e o escoteiro-chefe um em sueco!

(Da revista *World Scouting*)

Os escoteiros de Lisboa prestam homenagem ao Comandante Álvaro de Melo Machado

Os escoteiros portugueses não esquecem o Comandante Álvaro de Melo Machado, o homem que teve a iniciativa de criar em território nacional o primeiro grupo de escoteiros. Que assim é, prova-o a homenagem que em 21 de Fevereiro último o Grupo 2 promoveu junto do túmulo do pioneiro do escotismo português, a que se associaram outros grupos de Lisboa e dos arredores — 7, 8, 14, 19, 21, 23, 79, 85 e 93 — e o Corpo Nacional de Escutas, que depôs ali uma palma de flores.

A respeito da personalidade do Com. Melo Machado falaram os srs. João Madeira Leitão, chefe do grupo organizador da homenagem; Luís Tovar de Lemos, escoteiro-chefe geral adjunto; chefe regional do CNE; e António Xavier de Brito, antigo escoteiro do 2.º Grupo, quando este tinha a sua sede na Travessa do Guarda Mor e era chefiado por Melo Machado. Usou também da palavra o sr. Humberto Martins, presidente da Direcção da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

A cerimónia terminou depois de um minuto de silêncio com meditação em conformidade com as confissões religiosas dos presentes.

O Núcleo A de Lisboa e o 2.º Grupo depuseram também palmas de flores junto do túmulo do saudoso dirigente escotista.



Niger

O governo deste país reconheceu oficialmente os «Escoteiros do Niger». Esta associação venceu desta maneira um difícil obstáculo para conseguir ser reconhecida oficialmente como membro da Conferência Mundial do Escotismo.

Espanha

Escoteiros de Barcelona, auxiliados por camaradas de Mompilher e Perpinhão (França), prepararam diversos parques infantis de muitos municípios daquela província do país vizinho.

Suécia

Duas das seis associações conjuntas de escoteiros e guias da Suécia decidiram efectuar a sua fusão. As duas associações estão filiadas na Ordem Internacional dos Templários e na Ordem Nacional dos Templários, duas organizações anti-alcoólicas.

A nova associação agrupa dez por cento dos escoteiros e guias suecos e favorece a participação de rapazes e raparigas, desde a idade de 8 anos, para elaborarem os seus programas. Abaixaram a idade dos chefes dos 18 para os 16 anos.

Estados Unidos da América

Há seis anos que um grupo de escoteiros de Wilmette, no estado de Illinois, recolhe donativos com os quais tem possibilidade de fornecer o «Manual do Escoteiro» e da revista mensal *Boys' Life*, traduzidos em Braille, a estudantes cegos de 16 diferentes escolas.

Além disso, fundos obtidos com a organização de pequenos-almoços — pequenos-almoços americanos! — permitiram-lhes comprar um cão e de o mandar ensinar como cão de cego a fim de ser confiado a um novo dono cego.

A MORTE DO PROFESSOR EDMUNDO LIMA BASTO

A morte do Professor Edmundo Lima Basto foi acontecimento que, como não podia deixar de ser, tocou profundamente a sociedade portuguesa, que deplorou o desaparecimento do ilustre homem de ciência.

Porém, a enorme legião dos seus amigos e admiradores, bem como a multidão dos doentes a quem minorou as dores, tratou ou sarou, ainda mais que o prestigioso cientista, choram a perda de um homem escorreito, dum carácter bondoso, dum abnegado e infatigável lutador da campanha contra o sofrimento humano.

Também os escoteiros sofreram dano irreparável e lamentam amargamente o acontecimento. É que o conceituado cirurgião foi uma das figuras que, nos tempos da sua mocidade, honrou as nossas fileiras, pois foi entusiasta e digno escoteiro. No nosso movimento granjeou amizades tão firmes que o tempo jamais havia de fazer esquecer.

Por isso os escoteiros, e muito especialmente os mais antigos, sentem no coração esta perda.

Nascido em Lisboa em 1911, o Professor Lima Basto formou-se em Medicina em 1936. Começava então uma carreira exemplar.

Tendo passado pelos Hospitais Civis, foi depois admitido, em 1938, no Instituto Português de Oncologia, como assistente, estabelecimento onde levaria a cabo uma obra sem par, não só do ponto de vista científico, como sob o aspecto humano.

Colaborador íntimo doutro grande médico—o Professor Francisco Gentil—Lima Basto jamais descansaria no seu afã de encontrar lenitivo para os padecimentos dos enfermos que o cercavam. O cancro seria o alvo permanente da acção que empreenderia, luta tenaz em que só capitularia no último dia de vida.

Viagens para estudo do terrível mal e estágios nos mais diversos países, Alemanha, Inglaterra, Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, França e outros, ele empreenderia, sempre na ânsia de aumentar mais e mais os vastos recursos para a luta contra a implacável enfermidade. A sua obra acaba por conhecer a luz da publicidade em numerosas revistas de medicina, quer de Portugal, quer do estrangeiro; toma parte em congressos, reorganiza serviços, promove campanhas de prevenção contra o mal impiedoso.

Na juventude, já Lima Basto denunciava pronunciada vocação para tudo quanto favorecesse a prática do que era preconizado pelos mais nobres sentimentos humanos. Foi por isso que, como seus irmãos Alberto e Eduardo Lima Basto, se torna escoteiro do Grupo 11, prestigiosa unidade escotista que funcionou no Liceu de Camões, por onde passou valiosíssimo punhado de idóneos e activos dirigentes dos Escoteiros de Portugal.

Muito empreendedor, Edmundo Lima Basto ofereceu valiosos préstimos aos Serviços Centrais, ao mesmo tempo que chefiava uma alcateia de lobitos num colégio particular, de que era director um notável pedagogo, o Dr. João Antunes.

Em Dezembro de 1928, foi escolhido para acompanhar o secretário-geral da AEP, sr. Albano da Silva, aos Açores, a convite da mãe do fundador do Grupo 80, de Ponta Delgada, para tratar da filiação dessa unidade. Fàcilmente Lima Basto ali granjeou tais simpatias e amizades que, há dois anos, quando ali voltou em missão do Instituto de Oncologia, foi muito recordada a primeira visita.

Escoteiro exemplar, Lima Basto fez parte do belo contingente que os Escoteiros de Portugal mandaram ao histórico Jambori de Maioridade, em 1929, em Birkenhead.



Edmundo Lima Basto nos seus tempos de escoteiro-chefe

Foi esta figura, sobre cuja memória respeitosamente nos inclinamos, que acaba de desaparecer, quando muito ainda havia

Parece que tudo foi dito pela grande imprensa; mas há sempre mais alguma coisa para dizer acerca deste Homem, que permanece *insigne porque* viveu *útil, em utilidade exercida pelo talento ingénito e exercitada pela bondade natural que o caracterizava. O querido Edmundo encontrou o caminho certo da sua vida, marcou o lugar onde só poderia ter incomodado egoístas e mediocres. Deixa funda saudade nos outros, os que não são* isso.

O que tinha de qualidades de trabalho, de olho artístico, de pendor linguístico, de entusiasmo juvenil, que nunca quis perder, pôs tudo ao serviço da Grei. Esta palavra, pola grey, *traz à mente a divisa de aquele outro Português que foi chamado «Príncipe Perfeito». Mas este, para o ser, matou, enquanto que o de agora tudo fez, quanto pôde. para conservar vidas,*

Ao suceder a Mestre Francisco Gentil soube fazê-lo nobremente, sem desdouro. Oxalá surjam continuadores. Que tenham sempre continuadores aqueles que bem mereceram ser sucedidos, no melhor que eles tiveram para dar!

Eduardo Moreira

RETRATO DE UM ESCOTEIRO

O «Jornal do Comércio» retratou assim a personalidade invulgar do Professor Edmundo Lima Basto:

Na arte de curar, o nome do Prof. Lima Basto ficará como exemplo magnífico daquele que aproveita o saber e o põe ao dispor dos homens para lhes aliviar as dores e corrigir defeitos a fim de tornar menos difícil a existência. Homem de ciência, foi por igual homem de coração, nunca se isolando na torre de marfim e comungando com os outros homens naquelas manifestações sociais e cívicas em que a vibração vem ao de cima e a espontaneidade revela o íntimo do ser.

Grande médico e grande cirurgião, o Prof. Edmundo Lima Basto manteve sempre o equilíbrio humano, a personalidade forte do cidadão que não verga nem abdica das exigências da sua profissão para agradar aos que dão a chuva e o bom tempo. Consagrou-se à Mocidade sem limites e por isso talvez se tenha consumido com rapidez estranha, falecido quando não entrara ainda na casa dos sessenta.

O médico e o cirurgião foi por igual o dirigente hospitalar, o animador de campanhas grandes na luta terrível contra o cancro, à frente dessa Liga que tantas agruras tem minorado. Ainda nas suas vontades finais pede aos amigos que o dinheiro das flores vá para a Liga Portuguesa Contra o Cancro. E tantos e tantos foram os doentes que operou, os que assistiu e aqueles a quem realmente salvou a vida!

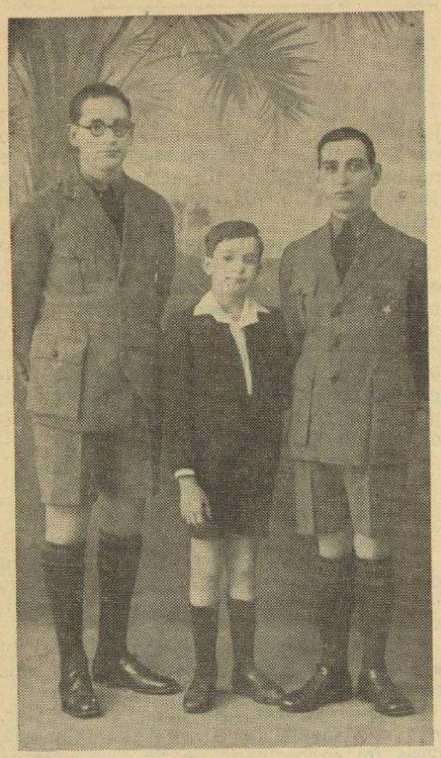
No Instituto Português de Oncologia continuou a obra de Francisco Gentil, nos congressos internacionais da especialidade foi por vezes o centro da atracção, nas campanhas cívicas nunca deixou de se afirmar o cidadão firme e impoluto que no cumprimento dos deveres vai sempre além do exigido, mas que não deixa de reclamar os seus direitos.

Não é apenas um mestre de Medicina que desaparece, é também um cidadão exemplar.

Retrato de um escoteiro! Um Escoteiro que em Setembro de 1968 nos escrevia dizendo recordar «sempre os tempos da minha mocidade em que beneficiei tanto do espírito escotista que me tem sempre acompanhado na vida». E foi assim até à morte.

de esperarar das suas primorosas qualidades.

O Dr. Vasco da Gama Fernandes, companheiro de longa data de Lima Basto, refere, a propósito da morte do seu amigo, que «à semelhança dos robles gigantescos, só se lhes pode tomar a grandeza uma vez abatidos».



O Professor Lima Basto e o nosso estimado amigo Sr. Albano da Silva, em 1928, em Ponta Delgada, durante a visita ao Grupo 80

E concluímos com outras pertinentes palavras deste ilustre causídico: «A morte de Edmundo Lima Basto foi uma feia acção do destino. Teria, de morrer um dia, é certo, mas foi muito cedo, pela falta que nos fez, pelo vácuo que deixou, pela solicitude humana, pela devoção, pelos grandes ideais que nos fazem gente».



O Professor Lima Basto, chefe de uma alcateia de lobitos. Eis uma demonstração da amizade e camaradagem com que o saudoso médico sabia, como poucos, distinguir quem quer fosse que com ele contactasse

ASSOCIAÇÃO DOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Mais notícias do XIII Jambori no Ar

Ainda a respeito da participação de grupos de escoteiros portugueses neste 13.º Jambori no Ar, chega-nos agora o relatório apresentado pelo Agrupamento 156 do CNE, que tem a sua sede em Nova Lisboa (Angola).

Foi francamente boa a actuação dos elementos deste Agrupamento de Nova Lisboa, pois em qualquer das três estações em que estiveram presentes, alcançaram excelentes resultados, de que damos a seguir o respectivo resumo.

Pelo posto CR6ML, em que estiveram presentes o chefe do Agrupamento 156 e chefe regional de Nova Lisboa sr. Alberto Pereira Gonçalves, que operou, e o caminheiro José Figueiredo, foram obtidos os seguintes contactos:

5 com Angola, sendo 3 com Luanda (gp. 36 AEP) e 2 com Benguela (gp. 39 AEP). 11 com Moçambique, sendo 5 com Lourenço Marques (gp. e ag. 12, 167 e 180 e alcat. 5 CNE e comp. 2 e 10 AGP); 2 com Quelimane (ag. 156 e chefe Andrade CNE), Inhambane (ag. 203 CNE); Beira (ag. 155 CNE); Dondo (gp. AEP); e Vila Salazar (Ag. 6 CNE). 2 contactos com a Metrópole (Porto gp. 15 e 17 AEP e Ponta Delgada. 107 CNE).

Com o estrangeiro foram feitos 10 contactos, sendo 5 com o Brasil (Rio de Janeiro, Guanabara, Olinda e Alagoas), 4 com a África do Sul e 1 com o Uruguai.

Do emissor CR6NL, onde operou o caminheiro Manuel Augusto e estiveram presentes os seus camaradas José Manuel, Carlos Raposo e Abílio Dias, fizeram-se os seguintes contactos: 2 com Angola (gp. 36AEP de Luanda); 16 com Moçambique, sendo 10 com Lourenço Marques (ag. e gp. CNE 7, 15, 21, 167, 180 e com. 10 AGP); 2 com Vila Salazar (gp. 6CNE); Inhambane (ag. 203 e comp. 9 AGP); Quelimane (ag. 196 CNE); Beira (ag. 155 CNE) e Dondo (gp. AEP). 1 contacto com a Metrópole (Alvega CNE).

O posto CR6NG teve a presença dos caminheiros Antenor Santos, que operou, e Joaquim Figueiredo, tendo obtido os seguintes contactos: 5 com Angola, sendo 3 com Luanda (gp. 36 AEP) e 3 com Benguela (gp. 39 AEP e 97 CNE); 10 com Moçambique, sendo 6 com Lourenço Marques (ag. e gp. CNE 6, 7, 15, 167 e 180 e comp. 10 AGP); 2 com a Beira (ag. 155 e 252 CNE), Quelimane (ag. 196 CNE), e Inhambane (ag. 203 CNE). Com a Metrópole: 2 contactos: Porto (gp. 15 e 17 AEP) e Ponta Delgada (gp. 80 AEP). Com o estrangeiro, foram 8 contactos com a África do Sul e um com a Argentina e a Nigéria.

Ao todo, este Agrupamento obteve 74 contactos, o que o coloca numa posição muito honrosa entre todos os grupos portugueses.

Parabéns aos rapazes do 156 e agradecimentos aos proprietários dos emissores que tão generosamente puseram os seus postos ao serviço dos escoteiros. Para o ano, esperamos vê-los outra vez nesta actividade, com redobrado entusiasmo, se possível.

O XIV Jambori no Ar

Notícias recentemente recebidas, dão a conhecer que o próximo Jambori no Ar se realizará no fim-de-semana de 16 e 17 de Outubro próximo.

Fazemos votos de que esta data seja novamente um êxito para o nosso movimento escotista.

A «GRANDE SENHORA» DO ESCOTISMO

No último número da revista *Scouting*, da *Boy Scouts of America*, o vice-presidente desta associação, William Harrison Fetridge, presta homenagem a *Lady* Olave Baden-Powell, viúva do Fundador, que completou 81 anos de idade em 22 de Fevereiro e continua activamente a dirigir o Guidismo Mundial.

EM GENEBRA:

Inaugurada a Repartição da Região da Europa

A pedido da VI Conferência Escotista Europeia, a Secretaria Mundial inaugurou, no passado mês de Fevereiro, uma Repartição Europeia, similar às que foram criadas nas Regiões africana, árabe, da Ásia-Pacífico e interamericana.

Foi designado, após consultas ao Conselho Escotista Europeu, o primeiro comissário executivo em tempo integral para a Região Europeia. Trata-se de Jorgen G. Rasmussen, de 28 anos, de Copenhague, que até agora era o director de uma importante firma dinamarquesa, possuindo uma excelente formação como gerente, administrador de negócios e perito de dinâmica de grupo. Fala inglês, alemão e as línguas escandinavas, e está a aprender actualmente o francês.

Rasmussen foi lobito, escoteiro, chefe de alcateia e de grupo e comissário escotista. Ùltimamente, era o comissário gracioso da sede da Det Dansk Spejderkorps, onde se ocupava da formação de base e das relações internacionais. Possui a Insígnia de Madeira para escoteiros e caminheiros e frequentou os cursos de formação de equipas na Dinamarca e os cursos internacionais em Gilwell.

Nas suas novas funções, o comissário da Região Europeia utilizará instalações postas à sua disposição pela Secretaria Mundial, na Rua do Pré-Jérome, 5, em 1205 Genebra. Telefone: (022) 24.65.25 e o endereço é: *Case postale 164, 1211 Genève 4.*

O antigo secretário europeu, Hugues de Rham, de Lausana, tem participado na instalação deste novo organismo.

A Região Escotista do Extremo-Oriente passou a ser designada Região da Ásia-Pacífico

O Conselho Mundial do Escotismo satisfez o pedido formulado pela Conferência Escotista do Extremo-Oriente de que fosse mudado o nome da Região para Região Escotista da Ásia-Pacífico, denominação que será aplicada a todos os organismos a ela ligados.

Esta decisão veio pôr termo a uma velha questão que se punha nestes termos: «*Extremo-Oriente! Mas em relação a quê?*»



NÚCLEO B — LISBOA

Estudo da Função de Chefia

Com apreciável assistência realizou-se no passado mês de Janeiro, na sede dos S. C., uma reunião dirigida pelo chefe do Núcleo B, Sr. Mário Leite, à qual foi dedicado o tema «Função de Chefia».

Aquele dirigente prendeu a assistência, durante duas horas e meia, com um interessante colóquio sobre: definição, condição e motivação de responsabilidade e decisão, que devem caber na função dum dirigente moderno.

Baseado nos estudos feitos pelas empresas comerciais Texaco, IBM, Crysler e American Management Association, pela United States Air Force e Federação dos Escoteiros e Escoteiras Unionistas de França, apresentou exemplos interessantes sobre o que cada chefe deve ou não fazer para que a sua empresa (no nosso caso o grupo) progrida em ritmo crescente e o modo de proceder para com as pessoas subordinadas.

Sempre Pronto, por julgar aquele colóquio básico para a formação do dirigente na actualidade, convida o Chefe Mário Leite a condensar o seu estudo e a publicá-lo nestas colunas para que todos os leitores que chefiam, mesmo os que não são escoteiros, possam beneficiar do que foi exposto na reunião de que fazemos eco.

A. I.

Concursos destinados a Guias de Patrulha

O Núcleo «B» de Lisboa vai promover este ano três concursos destinados aos guias de patrulha. O primeiro, que está já a decorrer, terminará em Abril. Os Guias de Patrulhas responderão a um questionário que lhes foi enviado e deverá ser devolvido até 15 de Abril.

O Júri do Concurso é constituído por um delegado do «Sempre Pronto», pelo Escoteiro-Chefe-Geral Adjunto e pelo Chefe do Núcleo.

GRUPO N.º 94

Este grupo construiu, na sua sede, um Presépio Monumental, orientado pelo sistema de luz e som, mostrando os diversos aspectos bíblicos relacionados com o nascimento de Jesus.

O presépio foi objecto de estudo por parte do Chefe Ajudante Rui Macedo, tendo este dirigente consultado livros na Biblioteca Nacional, sobre o Presépio Português dos séculos XVII e XVIII e visitado as obras de Machado Castro e doutros artistas.

Foi ainda o chefe Rui Macedo que orientou a construção do presépio, que tinha uma área de 12 m², aplicando os seus conhecimentos de arquitectura.

Todos os escoteiros do grupo trabalharam com grande entusiasmo neste trabalhoso projecto.

Nada foi descurado e porque exigia bastante técnica de iluminação o grupo solicitou a ajuda do sr. Mário Ferreira, profissional de iluminação, que prontamente colaborou com os escoteiros.

A parte de som narrada, dialogada e musicada, foi executada na sede com a ajuda dum gravador e dum gira-disco e teve a colaboração de escoteiros e lobitos.

O presépio foi mostrado ao público em sessões que começavam às escuras, sendo gradualmente iluminadas as cenas conforme a sequência da narrativa, até que finalmente e após todo o presépio iluminado soava «Aleluia» de Haendel, como apoteose de graças.

Sendo dadas duas sessões por noite, foi necessário os escoteiros distribuírem-se para que o trabalho decorresse sem canseira.

Todo o trabalho de luzes e som e arrumação dos visitantes foi orientado ùnicamente pelos escoteiros.

Cerca de 300 pessoas visitaram o presépio e no último dia registou-se a presença do Chefe Geral Adjunto, Eng. Nobre Santos, que registou no livro de ouro do grupo, palavras de muito apreço por esta iniciativa.

Salientavam-se os escoteiros José Vítor Reis, Bento Marques, Luís Miguel Ribeiro, Manuel José Silva, Jorge Macedo, Rui Paredes e Pedro Filipe Ferreira, que mais dedicadamente se esforçaram por este trabalho.

A. I.

OPINIÃO ESCOTEIRA

A inteligência só é um valor positivo quando apoiada em qualidades morais — o amor ao trabalho, a força de vontade, a perseverança no esforço, a firmeza de carácter, o desejo de servir o próximo.

MARCELO CAETANO

Amigos em toda a parte

Diversos irmãos-escoteiros estão interessados em trocar correspondência com Escoteiros ou Guias portugueses e entre nós, estamos certos, haverá rapazes e raparigas, escoteiros ou guias, que desejarão alargar as suas amizades e conhecer companheiros de outros países.

Francisco Gurgel dos Santos Júnior, guia de patrulha, de 12 anos de idade, aluno do liceu, morador em Rua Dr. Ernesto Fonseca, 948 — Barro vermelho — Natal — Rio Grande do Norte — Brasil.

Dejayr Machado Louzada, guia de patrulha, 16 anos de idade, filatelista e coleccionador de postais, morador em Rua Nestor Gomes, 233 — Vitória — Espírito Santo, Brasil.

Martin Eduardo Carvajal G., escoteiro-chefe, filatelista, coleccionador de insígnias e folhetos escoteiros, deseja correspondência com caminheiros, senhoras Guias, ou dirigentes, em português ou inglês.

Apart.º 10 297 — San José — Costa Rica C. A.

Escreve-nos o soldado Paulo José de Jesus Baptista, em Lourenço Marques, manifestando o desejo de receber correspondência de jovens de ambos os sexos, especialmente de fé evangélica. Aqui fica o apelo. A sua direcção é: Soldado 3464663 — S. P. M. 3584.

Sebastião G. Silva

Agradecemos o calendário que este nosso estimado amigo e assinante, escoteiro-chefe no Escotismo Americano, teve a gentileza de nos enviar, ilustrado com motivos do Lobitismo.



José Vicente

Por duas vezes nos veio devolvido o jornal dirigido ao nosso assinante, desde o primeiro número, Sr. José Vicente, com a nota do correio de «falecido», o que nos leva a concluir ser exacta a triste informação.

José Vicente foi escoteiro-chefe do Grupo n.º 60 dos Escoteiros de Portugal, em Vila Real de Santo António, nos primeiros tempos da sua existência, sendo muito estimado pelos seus escoteiros e companheiros. Fixou-se depois em Mértola, terra de sua naturalidade, como solicitador, tendo-se mais tarde transferido para Vila Franca de Xira, onde ainda residia, sendo um fiel antigo-escoteiro.

Sentimos muito o seu passamento.

Teodoro Mário Muller

No dia 24 de Fevereiro último, faleceu o sr. Teodoro Mário Muller, de 72 anos de idade, casado com a sr.ª D. Deolinda Silvéria de Almeida Bessa Muller.

Foi escoteiro do Grupo n.º 1 de 1914 até 1917, de que veio a ser chefe anos mais tarde.

Homem de boas qualidades de carácter, era reformado do Arsenal da Marinha, onde foi subordinado do Sr. Comandante Melo Machado.

Tomás de Azevedo e Silva

Faleceu recentemente o sr. Tomás de Azevedo e Silva, conhecido administrador de diversas firmas da Capital e fundador da Lusalite. Era primo do nosso estimado assinante sr. Henrique Alves de Azevedo e pai das sr.as D. Maria Manuela de Azevedo e Silva e D. Maria Eduarda de Azevedo e Silva Carvalho Costa, antigas guias de Portugal.

O extinto, que contava 73 anos de idade, era casado com a sr.ª D. Cesaltina Pinto Vicente de Azevedo e Silva.

Às famílias enlutadas, e em especial ao nosso assinante sr. Henrique Alves de Azevedo, apresentamos sentidas condolências.

Os chefes mundiais dos escoteiros e guias tiveram um histórico encontro

Desde que um conselho consultivo misto, composto de dois membros de cada uma das organizações mundiais escoteira e guia, se reúnem anualmente, foi a primeira vez que a maioria dos membros dos dois conselhos mundiais se encontram para uma jornada de discussão. Este acontecimento realizou-se em 4 de Setembro p. p.

Ao longo desta reunião de Genebra, co-presidida pela sr.ª de Charles U. Culmer e C. D. Green, foi resolvido que as duas organizações, se bem que se limitando à acção específica que lhes está destinada, podiam, em numerosos pontos, reforçar a acção respectiva para um maior benefício dos rapazes e raparigas deste mundo e que, com este objectivo, os dois conselhos deviam prosseguir com a sua colaboração. É neste espírito que o encontro de Genebra propôs um certo número de recomendações para serem debatidas quando os conselhos mundiais de escoteiros e guias se reunirem em separado.

LIBERDADE RELIGIOSA

Continuação da pág. 8

Uma opinião protestante

Por sua vez, no boletim «Projecto» da Juventude Presbiteriana de Lisboa, o pastor Dimas Almeida deixa em suspenso várias interrogações postas à consciência dos cristãos, com as quais se propõe analisar as reticências feitas ao projecto apresentado pelo Governo. Reza assim esse depoimento:

É significativo que o projecto de proposta de lei sobre a liberdade religiosa, enviado pelo nosso Governo à Câmara Corporativa, tenha suscitado reacções pendulares que vão desde o franco, espontâneo e talvez inconsiderado «louvor» até à mais expressiva «reserva». Uma que outra voz, vindas dos arraiais católicos, fizeram-se já ouvir numa tentativa de juntar «louvor e reserva», pondo a ênfase, contudo, na «reserva»... Para essas vozes é clamorosamente temerário conceder certos direitos às confissões religiosas que no nosso país vivem numa situação minoritária; como já alguém se exprimiu, manifestando receio — receio que julgamos completamente infundado — «choca-nos ver a religião católica, há séculos a da grande maioria dos portugueses, a qualquer outra igualada». O que parece corroborar o princípio, julgado já ultrapassado depois do Vaticano II, de que nos países onde é maioria a Igreja católica romana é contra a liberdade religiosa, e nos países onde é minoria é a favor dessa liberdade. Mas passemos adiante.

O que se pretende no limitadíssimo espaço deste boletim não é fundamentalmente pormo-nos do lado nem do «louvor» nem da «reserva». O que aqui se deseja é deixarmos algumas notas de reflexão — quiçá dissonantes para alguns espíritos — em torno do tema liberdade religiosa.

1. Quando a Igreja — e escrevemos Igreja com I maiúsculo, referindo-nos a *toda* a Igreja: católica, ortodoxa, protestante — fala em liberdade religiosa e se dirige ao Governo do seu país, pedindo a boa disposição da lei para o livre desempenho das suas tarefas eclesiais, não deveria ela, em primeiro lugar, e antes de tudo o mais, começar por uma confissão de pecados geral? Pois não é verdade que a história de séculos atesta não poucas vezes o surgimento lá, no seio da Igreja, da mais dura e brutal opressão sobre a consciência dos homens? Quantas vezes em nome do Evangelho — esse Evangelho da liberdade e da libertação — não obrigou a Igreja a entrar nas suas fileiras muitos espíritos aos quais repugnava aceitar um totalitarismo religioso dessa natureza? Onde está aqui a Igreja que se sinta de mãos limpas ao pedir «liberdade religiosa»?

2. Como tem interpretado e pregado a Igreja a chamada liberdade que ressoa em todo o Evangelho? Não terá a Igreja, muitas vezes, espiritualizado de tal maneira essa liberdade que ela acaba por se escoar, assim como a areia seca se escoa quando a apertamos entre os dedos? Terão os cristãos o direito de exigir para si próprios e para as suas Igrejas direitos e liberdade que o cidadão comum não cristão não possui? Por outras palavras: teremos nós, cristãos, o direito de defender uma liberdade religiosa se não estivermos dispostos a defender o direito de todos a uma autêntica liberdade humana? Onde está escrito no Evangelho que uma Igreja tenha o direito de pedir para si situações de privilégio?

3. Se hoje em dia pomos tanta ênfase na Igreja como Igreja pobre e serva — serva de todos os homens — não exigirá isso coerência nas palavras que preferimos e nos actos que realizamos? Que significa tomarmos a sério, aqui e agora, a nossa condição de pobres e servos precisamente na discussão da liberdade religiosa?

Aí ficam essas reflexões ditadas num desejo de tentarmos ver um pouco claro, e num sentimento de que sobre nós, cristãos, impende sempre e subtilmente o perigo de um farisaísmo religioso ou... político.

Dimas Almeida

Aniversário do Grupo n.º 23, Queluz

Com uma sessão de convívio entre os escoteiros e suas famílias, em que igualmente estiveram presentes os elementos da Direcção e alguns amigos do Grupo, no dia 28 de Fevereiro p. p. comemorou o VINTE E TRÊS o seu 3.º aniversário.

De surpreender e lamentar a ausência de qualquer representante de outro grupo ou dos Serviços Centrais.

Abriu a sessão o novo chefe do Grupo, sr. Alberto Henrique Estrela, que agradeceu a todos os presentes e leu um telegrama de felicitações do grupo em formação no Cacém.

Tomou depois a palavra o presidente da Direcção do Grupo, sr. Capitão Rocha, que em breves palavras se referiu à utilidade e actualidade do movimento escotista, dizendo a certa altura: «Nunca o mundo atravessou uma crise moral tão grande como agora; quem há-de salvar a civilização e o mundo senão a juventude? Confiemos pois nos jovens que querem preparar-se para enfrentar essa crise». E mais adiante: «Vejo em cada escoteiro um homem que, pelo seu exemplo, pela nobreza do seu carácter, há-de ajudar a salvar o mundo!»

Os rapazes saudaram o sr. Capitão Rocha cantando «*Para mim és um bom companheiro*» e escutaram em seguida uma saudação do sócio auxiliar do Grupo sr. Amílcar Fernandes, que «ali estava para colaborar com os rapazes e também em representação da Fraternal dos Antigos Escoteiros».

O sr. António Pinto, o mais antigo escoteiro presente e membro da direcção do Grupo em festa, colocou mais uma estrela, a terceira, na bandeira do VINTE E TRÊS, gesto sublinhado por fartos aplausos da assistência.

Em complemento da Sessão, o sr. Amílcar Fernandes projectou documentários por si realizados sobre as actividades escotistas e também alguns filmes cómicos que divertiram a assistência.

Realizou-se finalmente um chá de confraternização entre todos os presentes, o qual decorreu em agradável ambiente familiar.

«*Sempre Pronto*», que se fez representar por um dos seus redactores, saúda o Grupo n.º 23 e augura-lhe largos anos de excelente actividade escotista.

M. G.

«VIDA SCOUT»

A edição Extra desta revista dos Escoteiros da Argentina, publicada em Dezembro de 1970, tem a gentileza de reproduzir em formato natural, o cabeçalho de «Sempre Pronto», fazendo simpática referência à Exposição Itinerante da Imprensa Escoteira Mundial que vamos promover.

Agradecemos.

Uma espantosa campanha de solidariedade

dos escoteiros de vários países para com os escoteiros do Peru, após o sismo que arrasou uma região deste país

Quando do dramático abalo de terra que se sentiu no Peru em Maio do ano passado, cujo balanço se eleva a mais de 50 000 mortos e cerca de 800 000 pessoas sem abrigo, os escoteiros peruanos tomaram à sua conta diversas tarefas da maior urgência, como a de libertar as vítimas, cuidar dos órfãos, organizar o abastecimento e colocar em acção os centros médicos e de alojamento.

No dia seguinte, uma equipa nacional dirigiu-se à região sinistrada para planificar e coordenar as actividades de socorro. Em todo o país, os escoteiros recolheram material necessário às operações de socorro, o qual foi enviado para o local.

Como é natural, os escoteiros e suas famílias residentes na região do abalo de terra foram também vítimas da catástrofe e as instalações e equipamento escotistas foram danificados ou destruídos. Irmãos-escoteiros doutros países responderam contudo ao apelo que lhes foi feito. A associação escotista da Alemanha enviou imediatamente um cheque bancário para ajuda. O Conselho Mundial do Escotismo pôde fazer uma importante oferta, graças ao «Fundo Escotista Universal». A Secretaria Mundial encarregou-se de lhes fazer chegar um cheque dos escoteiros da Austrália de 1797,77 dólares australianos, angariados por iniciativa da Região Escotista da Tasmânia por meio de uma recolha de garrafas vazias. Os escoteiros e lobitos que participaram nesta recolha são os mesmos que residem na região cujas florestas foram desvastadas por incêndios em 1967 e o seu auxílio foi um gesto de gratidão pela ajuda que então receberam do Fundo Escotista Universal e doutros países.

A Secretaria Interamericana encarregou-se, por sua parte, de fazer chegar aos escoteiros sinistrados uma oferta dos escoteiros do Canadá.

Outros donativos são ainda necessários para ajudar os escoteiros do Peru a reparar ou substituir as suas sedes e o material e auxiliar os escoteiros das regiões sinistradas a reagruparem-se e a adquirirem novo material.

A ARTE DE APRECIAR

Continuação da pág. 1

mais não merecia que umas boas palmadas.

A estimulação da arte de apreciar é tarefa inspirada pelo próprio carácter do movimento. B.-P., na última mensagem que nos deixou, sintetiza as ideias mestras que presidiram à sua acção com estas palavras bem claras: «*Creio que Deus nos colocou neste mundo encantador para sermos felizes e apreciarmos a vida*».

Que seja assim! Que seja este caminho de felicidade sugerido pelo Fundador a inspiração da nossa actividade e assim alcancemos a sabedoria necessária para gozar o inefável bem que é o dom de viver.

LIBERDADE RELIGIOSA

Tendo o Governo enviado para parecer à Câmara Corporativa um projecto de lei sobre liberdade religiosa, tema tão relevante despertou o mais vivo interesse dos mais variados sectores, que têm vindo a manifestar as suas opiniões, verificando-se que enquanto uns consideram demasiadas as normas em estudo, outros as têm por pouco objectivas, considerando que, em vez de garantir o exercício dessa liberdade, o limita.

Nos apontamentos que vamos publicar, não temos em vista tomar posição em referência àquele projecto, mas antes sugerir que meditemos no assunto, que nos esclareçamos, para que possamos formar a nossa própria opinião na base de uma compreensão, tão correcta quanto possível, do que se deve entender por liberdade religiosa e da forma como ela deve inserir no âmbito da liberdade humana.

Será à luz dos ideais escoteiros de tolerância e respeito pelas opiniões e crenças dos nossos semelhantes, que desenvolveremos o nosso pensamento, lembrando o conselho de Jesus Cristo: Fazei aos outros o que quereis que os outros vos façam a vós.

Oferecemos hoje à consideração dos nossos leitores duas opiniões. Fala um sacerdote católico, assistente do Corpo Nacional de Escutas, e um pastor evangélico.

Uma opinião católica

Em «Notas do Assistente», o nosso prezado colega das lides escoteiras «Flor de Lis», em Fevereiro passado, publicava considerações de interesse sobre Liberdade Religiosa, de que pedimos licença para respigar os seguintes passos:

É louvável, evidentemente, tudo quanto se faça no sentido de promover a liberdade religiosa. E os católicos só têm que se alegrar quando vêem os governantes dispostos não só a respeitá-la mas a defendê-la. No Concílio Vaticano II, a Igreja definiu bem a sua atitude perante o problema da célebre declaração sobre a Liberdade Religiosa: «Este Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Tal liberdade consiste em que todos os homens devem estar imunes de coacção, quer da parte de pessoas particulares, quer de grupos sociais ou de qualquer poder humano, de tal maneira que, em matéria religiosa, ninguém seja obrigado a agir contra a sua consciência, nem impedido de actuar de acordo com ela... Declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana...»

Mas pode inspirar reserva o modo como em certas passagens do texto o presente projecto se propõe garantir o exercício dessa liberdade. E o Episcopado da Metrópole não quis deixar de fazer ouvir a sua voz em assunto de tão grande importância para os destinos da comunidade portuguesa.

. . . . . .

Sem querermos repetir o que tão autorizadamente foi dito, limitar-nos-emos aqui a algumas observações comezinhas, que nem por isso deixarão de interessar a quem tem de lidar com jovens e, consequentemente, orientar e corrigir as suas reacções. É claro que, para estes, o que imediatamente despertou a atenção foi o conteúdo do projecto quanto às aulas de moral. E nem admira, pois é o campo que de mais perto lhes toca.

Tem havido, aliás, neste aspecto, um grande número de confusões de que o texto do projecto não foi a causa mas a ocasião. Certo vespertino lisboeta permitiu-se fazer, a propósito dele, uma série de inquéritos em que aos interrogados se perguntava se eram a favor ou contra o carácter facultativo das aulas da moral — dando a entender que era novidade trazida pela futura lei o deixarem as aulas de moral de ter carácter obrigatório. Estranhámos que nenhum dos intervenientes (tanto quanto julgamos saber), tenha corrigido esta perspectiva, e isso mostra quanto falta de esclarecimento no público a este respeito.

Efectivamente, desde a Concordata que as aulas de moral têm, em todos os níveis do ensino, carácter estritamente facultativo: delas são dispensados os alunos cujos encarregados de educação assim o desejarem. Qual foi então a novidade que o projecto trouxe?

Em primeiro lugar: se ele for aprovado tal como está, passarão a assistir às aulas de moral os alunos cujos pais ou encarregados de educação *explìcitamente* o requerem. Quer dizer: na Concordata presumia-se (dada a qualidade católica da imensa maioria da população) nos pais a vontade de que os seus filhos recebessem educação religiosa na escola; no projecto, presume-se a vontade contrária, e, para que os filhos tenham aquela educação, torna-se necessária que os pais explicitamente a peçam.

Mas há mais, e, quanto a nós, de maior importância: a autoridade dos pais em matéria de educação religiosa (sublinhamos: *educação religiosa*, porque não estamos a pensar em *prática religiosa*) cessa quando estes atingirem os dezasseis anos de idade. Nessa altura, serão eles, e *não os pais*, quer dizer, serão eles quem *mesmo contra a vontade dos pais*, há-de decidir se devem ter ou não uma educação religiosa.

Não vamos demorar-nos a comentar esta disposição: quem conhece um pouco os adolescentes, as suas reacções, a sua mentalidade, que pense e que julgue o que são as opções feitas nesta fase da vida, e à luz desse juízo, poderá pronunciar-se sobre o conteúdo deste ponto do projecto. Sem nos demorarmos pois em comentários, não queremos abster-nos de sublinhar que tal disposição equivale a uma emancipação aos dezasseis anos quanto à educação religiosa, quer dizer, a uma declaração de maioridade jurídica neste plano. Passando por alto o carácter discriminatório da medida (maior para efeitos de educação religiosa, e menor para todos os outros, porquê?) não deixaremos de apontar o perigo que tal medida envolve para a autoridade educadora da Família.

★

É evidente que, como sublinhou o Senhor Presidente do Conselho na «Conversa em Família» que ao assunto dedicou, não se trata por enquanto senão de um projecto, susceptível, portanto, de todas as emendas que as Câmaras houverem por bem introduzir-lhes antes de o aprovarem. Aqui formulamos o nosso voto para que tais emendas venham.

Mas, se o projecto for aprovado tal como está, teremos de nos preparar para assumir acrescidas responsabilidades. Há-de haver jovens que, pela inércia dos pais, poderão não ter outra educação religiosa além da que o Escutismo lhes der.

Daqui o termos de nos empenhar mais a fundo neste capítulo da formação integral que pretendemos dar.

Para além deste esforço, haverá toda uma acção a realizar, mentalizando e esclarecendo os pais, mentalizando e esclarecendo os jovens, para que, tanto quanto depender de uns e de outros, este sector da sua formação não seja descurado. Fazendo-o, estaremos a ser fiéis ao compromisso que no dia da nossa Promessa assumimos como educadores cristãos.

Continua na pág. 7

DE MÊS PARA MÊS

CIVISMO



Por fotografias expostas num estabelecimento de Lisboa, tivemos ocasião de verificar com surpresa, que, numa prova de automobilismo recentemente realizada, a marcação da chegada dos carros era feita com uma bandeira nacional, em vez da tradicional bandeirola de rectângulos coloridos.

Temos já visto a bandeira nacional usada como cortina, a tapar portas e vãos, como pano de mesa, em posição secundária em face do estandarte do clube ou da associação de qualquer coisa, o que revela uma falta de espírito cívico denunciador de educação deficiente.

Importa ensinar aos novos que a bandeira nacional não é estandarte de um partido político, nem mesmo de um governo por mais respeitável que seja, mas um símbolo da Pátria, da nação portuguesa, da nossa cultura e tradições, das nossas relações e ideais, o mesmo é dizer que representa todos nós, os nossos pais e avós e, sobretudo, os nossos filhos e netos. É, portanto, um símbolo do passado, que se afirma no presente e se projecta no futuro. Devemos respeitá-lo, porque queremos respeitar-nos a nós próprios.

Quando a falta de civismo permite que se cometam actos de menos respeito como aquele que apontamos, compete à autoridade presente estar preparada para lembrar que à bandeira nacional são devidas honras.

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00